

O Gaiato

18 DE SETEMBRO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 718 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui Lisboa

Estamos na época de inscrições e matrículas nos estabelecimentos escolares. Os jornais anunciam de vez em quando a criação de novas escolas pelo País fora. Só Loures, concelho com cerca de 180.000 habitantes, ainda não viu chegada a hora de possuir na sua sede o Ciclo Preparatório, uma Escola Técnica ou um Liceu (anuncia-se agora a criação da 5.ª e 6.ª classes primárias!). Centenas de jovens, para não dizer milhares, ficam assim impossibilitados de se valorizarem e as famílias que se dispõem a mandar os seus filhos para Odivelas ou Lisboa vêem-se obrigados a sacrifícios incomportáveis, pois, além dos estudos propriamente ditos, têm necessidade de fazer face às despesas com transportes e alimentação. Para lá do aspecto material não é de menosprezar o pouco tempo livre que fica para um aproveita-

mento escolar razoável e a ausência prolongada do meio familiar a que ficam votadas crianças de tenra idade, além dos sacrifícios e perigos que as deslocções longas comportam.

Há sete anos que nos batemos nestas colunas, junto dos Responsáveis pela edilidade de Loures e até no próprio Ministério da Educação, pessoalmente ou por escrito, pela criação adequada de estruturas escolares na sede concelhia. Não temos sido escutados e os problemas avolumam-se de ano para ano. O Estado diz garantir participação vultuosa às autarquias que se disponham a construir instalações escolares e dinheiro não falta, pois, no dizer de um ex-Presidente da Câmara, esta é rica. Não percebemos, pois, quais as razões que levam à

Cont. na QUARTA página

Ontem foi a matança do porco.

É um acto, que normalmente se repete de quinze em quinze dias, mais ou menos, conforme o tamanho da vítima a imolar.

O animal fizera o jejum preparatório!...

Após o jantar, um grupo dos mais velhos foi encarregado da tarefa.

Prepararam as facas, os alguidares, o vinagre, o sal, os baldes, a água, o sabão, a corda e o arame, e aí vão eles felizes realizar mais uma experiência de vida!... Dirás de morte!... — Eu porém afirmo-te que é de vida!... De vida para eles!... Matando o bicho observam muito sensivelmente a luta entre a vida e a morte e observam, numa lição viva, como é a vida animal.

As experiências dos fenómenos vitais, sobretudo na vida animal têm, para eles, uma atracção fascinante! Quando nasce um vitelinho a maternidade da vacaria enche-se de espectadores! E, se o fenómeno se repetir ainda que seja várias vezes, ao mês, o espectáculo conquista sempre uma assistência numerosíssima.

Neste momento temos cinco ninhadas de porcos! «Eh! pá!... Está uma porca a ter!...» — A

Setúbal

notícia corre veloz por todos os ouvidos; as pernas mexem-se como que atraídos, e toda a gente vai contemplar os porquinhos a nascerem.

A matança, nos meses quentes, faz-se à noite para que a carcaça pendurada escorra, durante a fresquinha nocturna. De manhã, antes de o sol nascer, é a desmancha!...

O acontecimento de ontem foi tão natural como todos os antecedentes.

Um dos maiores mete a faca enquanto os outros agarram o bicho pelas patas, pelo rabo e pelas orelhas! O sangue corre a jorros para um alguidar! Sangue vermelho! A malta quer ver!... A seguir vem a chamusca! Mato, fogo e facas para raspar. Depois é a lavagem com escovas e sal. E logo o abrir!

A abertura da carcaça é o momento de maior sensação! Eles querem ver como é! Como é a vida! Como se processa! Aberto o animal, atam-lhe o anus e a uretra ou vagina após o que arrancam os órgãos digestivos do princípio ao fim e ligados a estes todo o sistema de alimentação e purificação: — bexiga e rins, pulmões e coração. Eles estão fartos de ver mas querem sempre ver!

Em todos os animais os segredos são desvendados do

mesmo modo mas trazem-lhes sempre a fascinante curiosidade de contemplar mais uma vez como é a vida!

XXX

O passado ano escolar foi razoável! Já me referi no último «O Gaiato» a alguns êxitos e fracassos mas acho que devo, como normalmente faço todos os anos, dizer aos amigos as minhas impressões. Na primária fizeram exame de 4.ª classe quinze deles! No primeiro e segundo ciclo, vinte e um. Passaram todos. No terceiro ano foi uma derrocada! Só o Júlio Faia aproveitou! Nos cursos nocturnos também alguns meninos, já barbados, andaram a passar o caminho. Outros aproveitaram.

O ano que vem será: — Quem não aproveitar terá de suportar as despesas escolares!...

Temos matriculados nos cursos nocturnos e diurnos cinquenta e três. Quatro irão para o ensino particular, onde, desde o ano passado, nos fecharam a porta gratuita. Por cada um terei de pagar 550\$00 mensais! Confio na palavra de cada um e nela me apoio! Espero que o Júlio siga as pegadas do irmão e o Mário dê tudo por tudo para vencer, como deseja!

Padre Aclio

Areias do Cavaco

Quadros da nossa vida — Era a hora do meio dia. Regressavam em grupo de enxada ao ombro, dos seus lugares de trabalho. Vinham de capinar os jardins e as ruas da Aldeia. Dois dos mais novos, com 11 anos cada um, conversavam animadamente. Aproximei-me sem darem nota da minha presença! Fui ouvindo a conversa delicioso, interiormente feliz. O assunto era importante. Os dois garotos falavam de coisa séria. Falavam de trabalho; falavam da mesa posta que os esperava. «Hoje trabalhaste para merecer o comer?», diz um deles ao outro. Não consegui ouvir a resposta. Tive pena. Passado pouco tempo os dois estavam sentados à mesa a comer o pão ganho «com o suor do seu rosto».

A história de um deles reza que era um vadio. E que ninguém fazia coisa alguma dele, antes de vir para a Casa do

Gaiato. Agora não é assim. A Sociedade pode contar com ele.

Quando todos merecerem o pão que comem teremos uma Sociedade mais sadia.

XXX

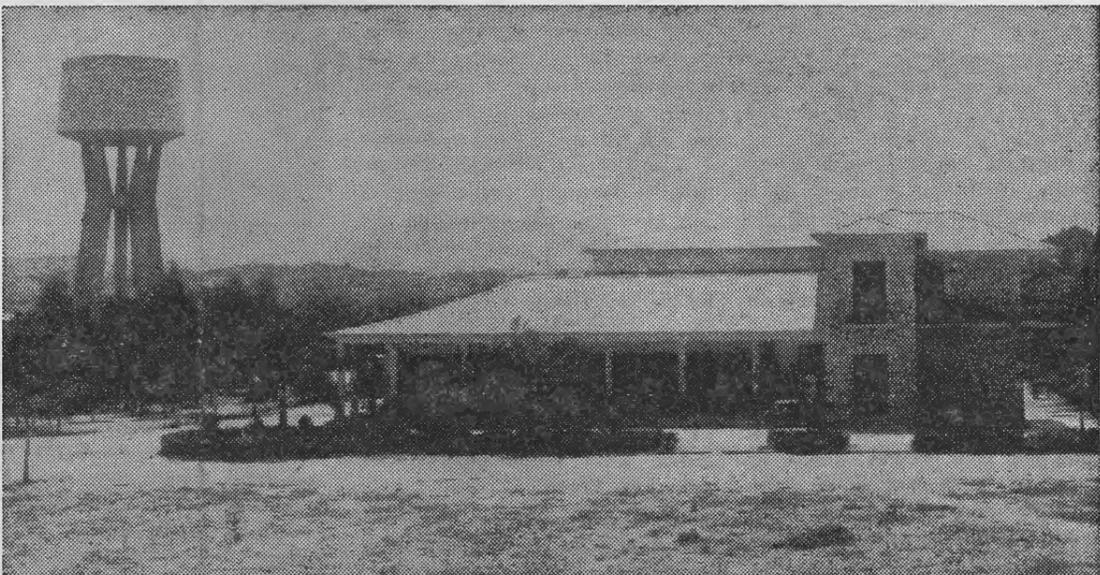
Houve grande sarilho na cozinha, num destes dias. Foram três os chamados a contas pelo não cumprimento dos seus deveres. Não é nada fácil a tarefa do educador.

Aproximava-se a hora do recreio, e era preciso preparar

Mais perto, melhor se avalia a beleza, e as proporções, da casa-mãe de Benguela — no Cavaco. O depósito da água, sobranceiro, é riqueza inextinguível — e indispensável.

o peixe para a refeição: tirar as escamas, lavá-lo, etc. E que fizeram o Eugénio e a sua companhia? A máquina de des-

Cont. na QUARTA página



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

Com a ausência dos habituais cronistas, em férias em Azurara, o Júlio «namorou-me» para sair isto...

Grupos de trabalho — No tempo de aulas os nossos miúdos, ainda que instruídos pelos seus mestres na dedicação persistente ao trabalho, folgavam em «aninhar-se» (termo peculiar muito deles...) onde muito bem entendem. Chegadas as férias, a «desorganização» organiza-se, repartindo-os por grupos de trabalho encabeçados pelos estudantes do Lar. Evita-se, assim, que a espinha cresça fora dos moldes da pedagogia ensinada por Pai Américo...

Jardinagem — Têm estado muito pobrezinhos os nossos jardins! Despidos da beleza das flores, sem as formas artísticas ou geométricas que os caracterizavam... Mas o Manel, que também é nosso padeiro, vai tentar dar um jeitinho a tudo. Já podou as sebes; e o jardim da casa 3 está de cara lavada. Ia-me embora sem dizer que os «Batatas», mai-las suas padiolas, são os ajudantes do Manel. A ajuda tem sido preciosa!...

Fruta — O pomar do redondo, este ano, teve mesmo pêssegos. Os da mata não ficaram à quem. Tem-se colhido fruta que delicia a malta. Esta semana, por exemplo, (estamos a uma quinta-feira) temos comido pêssegos todos os dias. Vai daqui o nosso aplauso para o Serafim que, neste aspecto, tem sido inegável o seu cuidado.

Futebol — Pois está claro! O nosso Grupo Desportivo continua igual a si mesmo: primar pelo número de vitórias «consentindo» (perdoem-me o clubismo) de quando em quando um desairezinho, mas sem os efeitos psicológicos que sofrem os «grandes» destas andanças do futebol... Apareçam sempre. O Carlitos marcará as datas...

Álvaro

Guiné

Há muito tinha prometido a mim mesmo escrever qualquer coisa simples para um jornal simples como é «O Gaiato». E de tão complicadas que as coisas são, caímos muitas vezes inconscientemente na abstracção e o que pretendíamos ser simples a princípio, complicamos tudo. Fiquei sinceramente comovido com passagens dum «Gaiato» antigo que me chegou às mãos, que tão simplesmente tratava de assuntos que as pessoas, em geral, dão em complicar e pôr tudo do avesso. Como diz Edgar Allan Poe,

«há sempre uma tendência quase por vaidade de pôr mundos e fundos nas coisas que analisadas devidamente são tão simples e tão intuitivas». E é verdade! Eu próprio, que pretendia escrever superficialmente, já estou a entrar na abstracção!...

Vai para treze meses que cumpro comissão nestas terras da Guiné. Ainda no dia 11 deste mês, marcámos o nosso aniversário (data da partida do cais de Alcântara) com uma linda festa, onde reinou a alegria e a boa disposição. Tudo sem grandes rodeios, sem snobismos. Tudo simples! Foi realizada num lugar próximo duma grande vila deste torrão lusitano, onde presentemente montamos uma auto-defesa. Engalanámos tudo. Diversos melhoramentos apareceram por toda a parte. Uma cantina, com um pequenino bar. Um refeitório. Distintos na relva e no pano a anunciar a passagem dum momento tão importante na vida de todos os que aqui conjugam esforços e sacrifícios por um ideal... Com relva dum e doutro lado, foram subtilmente traçados caminhos de acesso aos locais mais importantes. Junto à bandeira, vê-se hoje um magnífico trabalho com garrafas de cerveja, fruto da mente e habilidade de alguns soldados. Surgiu também no mesmo, o emblema da companhia. E, enfim, por toda a parte, surgiu um bonito lugarejo no sítio ermo e estéril que há sensivelmente mês e meio, aqui viemos encontrar. Tal como acontecera com a povoação que antes a companhia conhecera. No dia festivo, houve um almoço simples que meteu leitão, vinho e salada de frutas. A população juntou-se à festa e saiu para a rua com os seus ritmos loucos, as suas danças e cantares. Um dia bonito, festivo, mas sempre simples.

E hoje que me ponho a observar com «olhos de ver» tudo o que aqui em tão curto espaço de tempo foi feito, admiro a coragem e o esforço heróico destes Rapazes que, acabada a comissão em África, são esquecidos pela história. Tudo para que, do nada, nascesse alguma coisa. Tudo para que se assinalasse bem vincadamente a sua passagem por estas terras que a guerra tornou pasto de terrores e de ódio. «Mas vale sempre a pena quando a alma não é pequena», como dizia Fernando Pessoa. E valeu o sacrifício e o suor derramados. Vêem-se obras válidas. Estes bravos Rapazes ganharam um louvor conferido por quem de direito, como prémio da sua abnegação. Estes Rapazes que são na sua totalidade pessoas simples, despidas dos preconceitos inerentes aos habitantes das grandes cidades e aos «meninos» da alta roda. São quase todos nortenhos, oriundos de Trás-os-Montes, Douro, Beira Alta e Beira Litoral e alguns do Minho. A companhia foi formada em Gaia. Saltando daí para um lugarejo nas imediações de Espinho e posteriormente para Lisboa para partir directamente para esta Província.

Quem disse que no meio das privações, dos nervos inculcados pela guerra e de outras variantes, não se conseguiam resultados palpáveis, enganou-se redondamente. A vida é uma constante de reverbos à teoria e à imaginação. Tudo se consegue quando a «alma não é

pequena». E neste caso ela é grande. Eis uma amostra bem evidente do valor dos simples. E comparem.

Rogério

O casamento do Tolentino e da Fernanda

Foi no dia 21 do passado mês de Agosto, que se realizou mais um casamento de um Rapaz, criado e feito homem na nossa Casa de Paço de Sousa.

Pela manhã, um grupo dos mais velhos, conjuntamente com o noivo, seguiu rumo a Santiago — freguesia do concelho de Penafiel—onde P.e Abraão uniu, pelos sagrados laços do Matrimónio, estes dois seres que se conheceram, prepararam e quiseram tornar-se num só.

Cerimónia muito simples, sem pompa, nem algazarra, contrastando imenso com tantos casamentos prematuramente realizados e destituídos do verdadeiro sentido, com que a sociedade por vezes se pavoneia!

Simple foi também o copo de água que se seguiu à cerimónia,



Fernanda e Tolentino — sorrisos abertos para o futuro.

onde reinou a boa disposição, embora por vezes ofuscada por aborrecimentos burocráticos que levaram ao adiamento do enlace por duas vezes. Porém, como o dia era de alegria, tudo se foi dissolvendo e a mesa recheada, ajudou a esquecer!

É mais um casal-gaiato a juntar ao já numeroso grupo existente daqueles que formaram família, e com quem a Obra conta, estando ou não directamente ao seu serviço.

Além dos parabéns ao novo casal, aqui fica também um voto de louvor ao fotógrafo (P.e Abraão), pelos serviços prestados.

Desejamos ao Tolentino e à Fernanda, as maiores venturas e que pela vida fora tenham sempre presente aquele momento em que, livremente, disseram o «sim», aceitando com ele todas as responsabilidades, momentos felizes e não felizes que a vida lhes reservará.

Bernardino F. Rocha

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

● O caso daquele homem velho, que tem sido — e será — a nossa maior preocupação, continua a evoluir satisfatoriamente.

Os vicentinos, destacados rotativamente aos domingos — que em dias úteis a vida não permite — aproveitam as horas possíveis na campanha de sanidade.

Limpa e arrumada a entulheira, procedemos a nova caiação. E a nova desinfecção.

Ordenada a cómoda com novas roupas, armámos uma cama de ferro com todos os pertences. E os olhos dele regalará-se! Tanto, que nem quer sujar os lençóis — brancos de neve! Mete-se entre os cobertores. Não está bem. Mas vamos condená-lo? Vamos condenar o comportamento de um homem que passou a vida inteira a dormir sabe Deus como? Não! Vamos mas é, agora, de mansinho, calmamente, convencê-lo a servir-se do leito como um homem normal. Isso sim.

Já tem balde e bacia e toalhas — para se lavar. Estreados no fim do dia da limpeza maior. Fechámo-nos na sala e demos-lhe um banho completo — sem duche. Vestiu, depois, roupa decente. E explicámos, então, a necessária mudança semanal (tem uma reserva na cómoda) e a passagem da roupa suja à vizinha, que se dispôs como lavadeira, a quem fornecemos sabão e detergentes.

Um problema traz outro. E outros. É assim a vida dos Pobres! Agora, olhamos o telhado. E mais seriamente o soalho. Não somos só nós a dar fé. Mas ele também! É a casa... Pudéssemos dispor de massas (do vil metal) e outro galo cantaria... Esperemos.

● Os leitores do «Famoso» não são elementos passivos. Mas sempre prontos a dar as mãos. Ouvem longe os gemidos dos nossos Pobres!

Temos 50\$00 do Porto. É uma Viúva pobre. O óbulo da Viúva! E 500\$00 de «uma Mãe agradecida a Nosso Senhor por tantas graças recebidas». Esta bolada foi um grande alívio! E mais 20\$00 de uma funcionária dos CTU, de Lourenço Marques. O mesmo de Alvide — Cascais. Mais 60\$00 de velha

amiga da Murtosa. Mais 40\$00 da assinante 17022. E 50\$00 de Chão Verde — Rio Tinto. Finalmente, uma presença de Lisboa:

«Como sempre tenho dedicado a minha melhor atenção ao vosso famoso «O Gaiato», e assim, em apelo à ajuda que necessitais para acudir ao Irmão necessitado e já de avançada idade, tomo a liberdade de juntar a minha humilde oferta de 50\$00».

E terminamos como principiámos: os nossos leitores estão sempre prontos a dar as mãos. Por isso, aqui vai para todos um forte abraço do

Júlio Mendes

A venda do Jornal no Norte do País

É a primeira vez que escrevo para este pequeno jornal, tão conhecido — o «FAMOSO». E, para começar, vou falar um pouco da venda por terras nortenhas.

Actualmente, somos 25 vendedores. Percorrendo as principais cidades e vilas do Norte, ou seja: Braga, Porto, Aveiro, Viana do Castelo, Espinho, Póvoa, Guimarães, Amarante e, no verão, em Ovar.

A venda tem corrido da melhor maneira possível, graças a Deus.

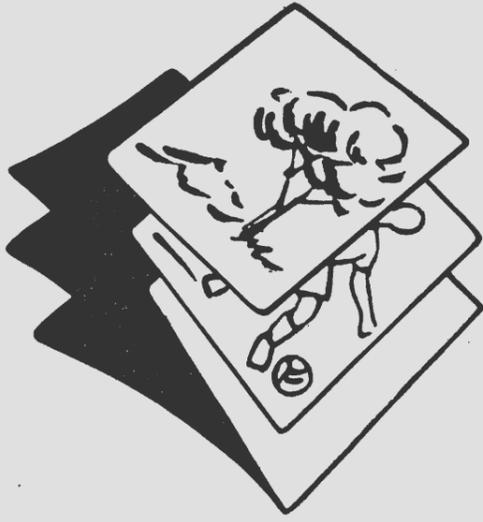
Em Braga temos o «Timpanas» que vende 150. Mas isto ainda é pouco senhores bracarense! Não quereis o «Timpanas» a despachar mais?

Depois, temos o «Grilo» com 120 na Póvoa. O Celso e o «Faisca», 250 em Espinho. O «Menor», 70 em Guimarães. «Campanera», 100 em Viana. «Papagaio», 100 em Amarante. Em Ovar, o «Piloto», 120. E o «Eusébio», com 300 em Aveiro. Por último, no Porto, somos uma data deles. Passamos uns milhares. E podíamos subir ainda mais...

Hospedamo-nos em casas de senhores conhecidos e admiradores da nossa Obra — que nos recebem da melhor maneira possível. Para todos um abraço e um muito obrigado.

Normalmente, deslocamo-nos ao sábado à tarde para a venda do jornal nessas cidades e vilas. E regressamos domingo à noite. Viajamos nas carreiras diárias. E o total de dinheiro gasto é muito, pois as empresas de transportes poderiam ser, para nós, menos «forretas». Só nos dão boleias as empresas de camionagem entre Porto e Braga e Guimarães! As outras — até a C. P. — serão capazes de acordar? É o que espera a malta da venda de «O Gaiato».

«Campanera»



VISTAS DE DENTRO

Fazia a Eucaristia Domini- cal para a nossa Comunidade quando vejo o «Juiz da Fome» sair precipitadamente da Capela.

Quis saber se se tinha sentido mal e fiz-lhe a pergunta. Respondeu pronto que não se tinha sentido doente.

— Então porque foi essa saída apressada, a meio da Santa Missa?...

— Fui dar de comer ao pardal que estou a criar. Ele estava a piar com fome e eu tive de tratar dele.

Acrescento que ele cria o seu pardal bem aconchegadinho entre a sua pele e a camisa, com tanto cuidado como o de uma mãe que traz o seu filho no ventre.

Lembro, também, aos nossos amigos que o «Juiz da Fome» já foi aqui falado várias vezes e que, numa delas, relatava o seu pedido para andar de calças compridas por ter vergonha de mostrar as suas pernas, tão fininhas que eram, e da sua alcunha vir da fome que passou.

Hoje, que não tem fome, não pode sequer ouvir o seu pardal piar com ela!

Talvez vos scandalize, mas fiquei contente com ele. Creio ser mais humano e cristão ver os meus filhos preocupados com a fome dos outros (mesmo dum simples pardal) a virem a ser como tantos outros que se dizem ser e vão à Missa, mas nem sequer querem ouvir dizer que há outros seus irmãos que morrem de fome.

O Pai Celeste compreenderá melhor o nosso «Juiz da Fome». Não foi Ele que nos ensinou, por boca de Seu Filho Jesus, que a primeira das obras de Misericórdia é dar de comer a quem tem fome?

Sentindo eles na sua carne o amor aos animais e vivendo as suas necessidades, penso que ficarão mais sensíveis e atentos aos outros. Só nesta perspectiva a Eucaristia é Comunhão; é vivência cristã total.

x x x

«Barba-na-Testa» marcava muitas presenças no Tribunal da Comunidade. A fruta era o seu fraco (ou o seu forte).

Ultimamente não aparecia no rol dos que vão a ela.

Andava um pouco intrigado com isso.

Ontem julgo ter encontrado o motivo daquela ausência.

Acabado o almoço fui dar um passeiozinho higiénico pela Aldeia. Ao passar junto da casa 3 vejo o «Barba-na-Testa» estirado, a uma nesga de sol, a olhar muito atento

para dentro duma caixa de papelão que tinha a seu lado.

Não resisti à curiosidade e fui espreitar.

Lá dentro, à volta dum bom monte de arroz, um gatinho comia regalado.

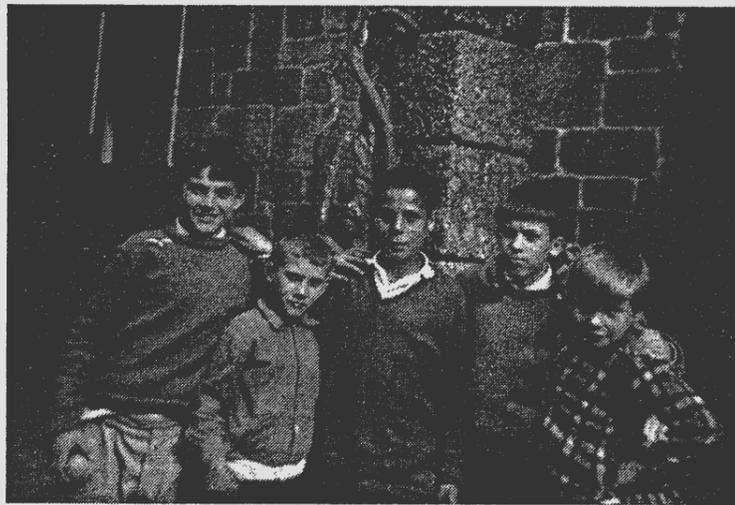
Regalei-me, também, a ver o «Barba» ocupando assim as

ir atender e saber se querem cicerone.

Vai e vem a resposta: «Não querem cicerone. Dizem que estão à espera dum cavalheiro que foi caçar pardais».

Do mal o menos, pois, há muitos que nos caçam a fruta...

Vieram num Mercedes de



Um grupinho todo Gaiato. No meio «Barba-na-Testa».

suas horas de ócio.

O pior é o bicho crescer e eu não ver o «Barba-na-Testa» crescer tão depressa que deixe de voltar a ir à fruta. Mas isto já é um bom sinal.

x x x

Um dia destes, no fim do Terço, comecei a «mandar vir» com o «Fuínha» por causa duma atitude tomada por ele durante a reza e que eu não gostei.

Dei-lhe por castigo não sair aos domingos.

A noite, o Rapaz vem ter comigo dizendo que eu confundira a sua atitude e não se sentia culpado.

Não quis saber de mais nada a não ser se sim ou não, se sentia inocente da acusação que lhe fiz.

Afirmou estar inocente. Confiei nele.

No dia seguinte, no mesmo local e nas mesmas circunstâncias, fiz publicamente o reconhecimento do meu erro e dei o dito por não dito.

Penitenciei-me e humilhei-me.

A humilhação foi grande, tanto mais que era minha convicção não me ter enganado.

Quis, porém, acreditar no Rapaz; não em mim.

O «obrigado» com que o «Fuínha» me brindou no fim da retratação diz tudo.

x x x

Vozes de senhores por debaixo da varanda. Manuel Pinto («secretário geral») vai espreitar e diz ao Julião para

(eles eram tão pequenitos!). Dei uma espreitadela aos pratos dos Rapazes e não estavam melhores que o meu. Fui então às mesas dos pequenos e médios. Regalei-me. Lá era frango de arroz. Pena nós não termos um pouco do muito que eles tinham, mas como era o melhor prós mais pequenos — saboreei neles o que a boca não tinha provado.

Porém, o cúmulo foi quando, já sentado à mesa a chupar os ossos que me tocaram, vi o «Amares» — cozinheiro do dia — ao guiché da cozinha a comer, glutão, um coelho assado! Dou um salto e vou ver. No fogão mais seis coelhos a assar!

— Que é esta pouca vergonha?!

— Ora... ora, nós tivemos o trabalho e não havíamos de tirar partido?...

Olhei-o sério. Ele ria. Acabei por rir também, e vir continuar a chupar os ossos.

x x x

O nosso leite é uma delícia! E porque o é, não falta quem apele para doenças de estômago — só pró tomar.

Eu sei qual é a doença. E não estou disposto a contratar um especialista para saber a verdade. É que ele é tão bom e tão saboroso!

Mas eu entendo que se é bom e saboroso, o é para todos e não só para alguns.

Hoje zanguiei-me ao surgir mais um doente, e decretei: todo o leite é pró tacho geral e acabou-se.

Vai haver trombas e reclamações. Mas eu não vou nisso. E não me excludo do decretado.

Quem dera poder dar leite simples a todos! Porém, são tantas bocas e sem problemas de fastio que só uma vacaria com dezenas de cabeças me resolveria este problema. Como isso é impossível, vão continuar as dores de cabeça por mor do leite e dos doentes.

x x x

Não estou muito habituado a contestações cá em Casa. Vez por outra lá há uma mas que não mobiliza «massas». Hoje, porém, houve uma e eu pus-me ao lado dos contestadores. Assobios e latas velhas a fazerem barulho à porta do salão de festas. Pois não havia de ser? Então, senhores do Teatro, que é isso de deixarem os miúdos fora da porta? Cá em Casa ou comem todos ou...

Bem, tudo se resolveu. E a contestação acabou sem ser

preciso represálias como as que se lêem por aí nos jornais. Cá é assim.

Padre Abraão

x x x

É sabido e tem sido redito muitas vezes dos brinquedos que a malta constroi e fazem a sua «época» até que surge outro entretenimento, que terá, igualmente sua «saison».

Andas — eis um destes brinquedos. O costume é serem de pau, com uns suportes pregados onde se assentam os pés. Este ano, porém, foi lançado novo modelo feito de latas velhas, furadas e com uma corda à laia de rédeas.

O utente põe o pé sobre a lata, estica com as mãos as faladas «rédeas» e lá vai ele todo feliz da vida.

E eu também fiquei todo feliz. É que este modelo é muito mais económico: nem assaltos à carpintaria por via dos paus, nem pregos, nem martelos desviados... nada; apenas latas velhas que há pr'af aos montes e ninguém nos compra e uma cordinha que essa sim, há-de vir de algures. Ponham de molho as barbas os senhores da Administração e Editorial.

x x x

Tempo de calor e a malta todo o dia ao ar livre. Havia algumas boinas. Na rouparia distribuíram-nas. Vieram chapéus de palha. Quim do Porto veio por eles e distribui aos que não tinham.

Uns dias depois vou eu por aí fora — «Que é do teu chapéu?» — «Que é da tua boina?» Era uma legião deles sem elas. A tarde trazem-me um modelo do Armindo, o Safaneta mais pequeno: Uma boina cortada de modo a dar calções de banho. Simplesmente, em vez de cortada, escortaçada. E o que iria prender na cinta os ditos «calções»?!

Armindo tem 10 anos, mas não aparenta mais de 6; nem sei mesmo se os já atingiria...

Se fosse homem de ideias boas, onde os seguidores?... Assim..., fez escola e não foram um nem dois os alfaiates das boinas convertidas em calções. Ó mistério do «mal que faço e não quero e do bem que quero e não faço»!

O que se esclareceu foi o mistério das boinas desaparecidas!



Prossegue, em boa marcha, não só o rejuvenescimento das fileiras como a curva ascendente dos leitores de «O Gaiato»! Graças a Deus.

Ao contrário dos barulhentos impactos publicitários da sociedade de consumo, como é agradável ver crescer a Família só pelo livre impulso dos tocados pelo Jornal! Como nos sensibiliza o interesse, o cuidado, a devoção, até os rasgos de heroicidade de uns tantos — e são tantos! — que não sossegam, nem cruzam os braços e vão por esse mundo fora animar outros com a Labareda que incendia as suas almas!

Por isso, não temos coragem de secar esta vossa coluna. É repositório inexgotável de um — se não o maior — dos objectivos do «Famoso»: ser luz, da Luz que a todos alumia.

Ouçamos esta mulher forte, de Matosinhos:

«...Fiquei muito contente por ter arranjado um assinante, pois até aqui não me tinha sido possível e espero poder arranjar mais algum, pois estou trabalhando nesse sentido, o que não faço senão cumprir com o meu dever, pois a vossa Obra merece todo o meu carinho e respeito.

Espero que o próximo número lhe seja enviado, pois ele está ansioso por receber...»

Agora, respiguemos um período da carta de um valente de Setúbal:

«...Amigos, estas palavras que vos estou escrevendo, são para vos enviar os nomes de 4 novos assinantes (de Setúbal), que consegui arranjar, e espero que mais vos possa arranjar, porque essa Obra

CAMPANHA de ASSINATURAS

em que vós trabalhai, é uma Obra...»

Omitimos o fim por humildade. Temos limitações. E ai de nós se não déssemos fé...

Segue Algés, com uma solução de continuidade:

«Durante anos comprámos à porta da Igreja..., à hora da Missa, o vosso jornal «O Gaiato» e assim a razão porque nunca fomos assinantes, meu marido e eu.

A vida e sobretudo a idade alterou esse hábito e deixámos de assistir à Missa naquele templo.

Mas habituados de longa data a estarmos em contacto com o que se passa nas vossas Casas e a admirarmos quanto têm feito e conseguido a bem dos Rapazes desprotegidos, assim queremos continuar, motivo porque enviamos um vale do correio para pagamento do 2.º semestre do ano corrente, pedindo o favor de nos enviarem os números já saídos...»

É Marido e Mulher. São dois num só — com os mesmos ideais. Bendito Sacramento!

• A METRÓPOLE DE LÉS A LÉS

Porto e Lisboa continuam a dar cartas! Muitos devotos da Campanha não perdem

ocasião. À nossa frente estão um ror de presenças. Algumas de almas tão cheias, que temos pena não poder transcrever os dísticos da sua passagem. São cânticos formosos — e fervorosos. É gente d'alma cheia, que não desiste da sementeira!

E o grosso do pelotão, fora das grandes urbes? O que p'raí vai, meu Deus!

Póvoa de Varzim indica um novo leitor da Maia. Mais uma série de nomes da Covilhã, Lousã e Lagares da Beira — remetidos pelo punho do nosso P.e Horácio. E Oliveira do Douro (Gaia), Santo António dos Cavaleiros, Faílde (Bragança), Penafiel, mais Setúbal, Albufeira (Algarve), Torres Novas, Santo Amaro

de Oeiras, Queluz, Guarda, Antime (Fafe), Vila Nova de Gaia, Bragança, Pedroso (Gaia), Alvega, Cacia, Barragem do Carrapateiro e Irivo (Paço de Sousa). Ficamos ao pé da porta. Estamos admirados.

• ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

Boas notícias da Madeira. Melhores ainda de Angola! Luanda, Duque de Bragança, Lobito, Bolongongo, Nova Lisboa, e da Sonefe de Camboje.

E muito interesse em Moçambique: Lourenço Marques, Nampula, Socone Ile e vários S. P. M..

Pelo estrangeiro há sangue português que, pulsando conosco, não esquece a Pátria. E a miséria dos seus Pobres. São presenças da Alemanha, da América do Norte e muitas da França. Para todos, um abraço dos Gaiatos.

Júlio Mendes



Cont. da PRIMEIRA página

me lá, é parte do meu primeiro ordenado e não quero que seja todo para mim». Ao chegar a Casa deparo com uma mulher com o filho pela mão. Oiço a sua história. História de mulher enganada pela cobiça dos homens, mas não quer renunciar ao seu papel de mãe. Tem mais dois filhos e quer deixá-los neste. Não pudemos aceitar. É muito mais humano ajudar esta mãe a ter os filhos junto dela. Uma Sociedade normal haveria de fazer tudo para que os filhos não tivessem de deixar a mãe ou o pai só porque não têm com que os sustentar. «Tome lá. Leve o filho consigo. E quando não tiver o necessário para ele volte de novo». Somos recoveiros dos Pobres. Não queremos outra missão.

cont. da cascar batatas estava ao pé. Tirar as escamas; preparar o peixe à mão e com faca era trabalho moroso. E a bola chamava por eles. Decidiram, pois, de comum acordo, deitar o peixe na máquina. Resultado: o peixe saiu moído. Calaram-se muito caladinhos, mas o Chefe deu por ela. E por certo não voltam a fazer outra igual.

x x x

Foi à porta do Hospital. Já somos ali conhecidos como «visitador oficial» pelo número de vezes que lá vamos por causa destes filhos.

Enquanto esperávamos pelos medicamentos alguém nos chamou. Com muita discreção mete a mão ao bolso e deposita na minha um envelope. «To-

Padre Manuel

Maria Augusta

MALANJE

Há dias fui dar com um missionário a preparar campos, com um tractor do Estado, para os nativos. Disse-lhe que não era processo pôr ao serviço do indígena máquinas e uma forma de agricultura que eles não poderiam continuar; que as grandes máquinas matabam neles o amor às pequenas parcelas, e aumentavam a sua já acentuada indolência. E mais: que me parecia urgente uma mentalização para o uso da charrua e tracção animal.

Não acreditou muito... O tractor roncava no meio dos terrenos. Os nativos para os quais... nem um, presente, e com carinho pela terra lavrada! Não.

Pôr ao serviço dos nativos uma técnica perfeita e poderosa — longe de criar estímulo, vai atrofiar o sentido de iniciativa.

Com estes processos nunca sentirão amor à sua parcela (que não a têm própria); à sua casa (sempre provisória); ao seu próprio trabalho (que no íntimo não é seu).

A ajuda deve partir do homem como ele é. Os processos devem ser compatíveis com a sua cultura e poder económico.

x x x

Fui fraco deixando ir o «Bolotas» passar dois dias à casa dos padrinhos. Foi. Veio carregado com bolachas, bola e coisas. Dormiu com a bola na cama e de dia transportou-a dentro das cuecas. Fui dar com ele a choramingar...

— Então «Bolotas»?!

— Malanje...

— Vais já imediatamente, não te quero mais...

Olhou para mim com os olhos muito abertos:

— Não quero ir.

— Olha, vai então entregar tudo ao Chefe para distribuir por todos.

Não foi capaz. Recebeu um castigozito.

Secaram de vez as suas lágrimas de cristal.

Padre Telmo



Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

não criação de escolas, diurnas e nocturnas, na sede de um concelho tão importante como o de Loures, enquanto por esse País fora vão surgindo por toda a parte. A «batalha da educação», em que tanto se empenha a Ministério da Educação, não poderá travar-se sem infra-estruturas e, cada ano que passa, centenas de indivíduos perderão a oportunidade de acompanhar o ritmo de enriquecimento intelectual

à escala do tempo. Até quando?

x x x

No escritório de trabalho, ao mexermos no bilhete de identidade, ouvimos do «Italiano», sempre atento aos nossos movimentos: «Grande velhote! Quem é esse careca? É um padre! Tem uma gola!». Apon-támos e reproduzimos aqui. O nosso risonho servente de mesa, com os seus 13 anos buli-

Padre Luís

Visado pela

Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

ORDINS

Li, não me lembro onde, mas que nunca esqueci: «Procurem pensar todos os dias, na maneira de alegrar alguém». Isto, procuro eu fazê-lo na medida do possível, com um sorriso, uma ajuda pessoal; mas os necessitados, precisam de muito mais! Precisam de pão para a boca, de consertos em casas, onde chove como na rua, em dividir essas mesmas casas, para que haja mais moral entre pais e filhos. Neste assunto haveria muito que dizer, pois ficamos pasmados de ouvir certas conversas de crianças. Estas obras, só as posso fazer com a vossa ajuda material; por todos nada custa. Já comecei a consertar a casa da tecedeira para que esteja pronta antes do inverno. Dinheiro, tenho apenas 980\$00 que um senhor de Lisboa me enviou do aumento do seu ordenado e que destinei para esse fim. Conto, pois, com a vossa generosidade, e espero confiada em Deus, que não me vão deixar ficar mal. Bastava que cada leitor mandasse 20\$. E quem o não pode fazer? Alguns sem sacrifício nenhum porque lhes sobra; outros, com algum sacrifício, é certo, mas que sentiriam no coração alegria de contribuir para abrigar uma família da chuva.

Muito estranham a falta das nossas notícias. No entanto, não quero dizer que estejamos esquecidos dos nossos amigos, e que não precisamos das vossas ajudas. Todos os dias esperamos o carteiro com ansiedade...

Participo que, este ano, como há cinco anos atrás, estaremos no Palácio dos Desportos, no Porto, na exposição que vai decorrer de 16 a 31 de Outubro. Venderemos os trabalhos expostos, e tomaremos conta de encomendas. Temos uma pequena que foi aprender a bordar à máquina, já temos algumas coisas feitas, como, por exemplo, sacos para o pão, jogos de cozinha, lençóis, etc. Quem precisar destes trabalhos, ficará bem servido.